

Ferreira de Castro e as suas crónicas mediterrânicas: *Pequenos Mundos* do escritor ‘vagamundo’

Ana Cristina Carvalho

CICSNova - Centro de Investigação Interdisciplinar da Universidade Nova de Lisboa -
acristinacarvalho22@gmail.com

Resumo: Durante os segundo e terceiro quartéis do século XX, Ferreira de Castro impôs-se na cena literária mundial como um dos mais consagrados escritores. Intrépido emigrante em criança, revelou-se, em adulto, um empenhado viajante, assinando entre 1937 e 1963 três grandes obras de viagens. O seu “nomadismo temperamental” nada tinha de mero intuito turístico, derivando da ideologia humanista e do desejo de proximidade física com outras geografias e etnias. Particularmente atento às desigualdades e injustiças sociais da sua época, deixou uma bibliografia de viagens sensível à teia de relações sistémicas que o ser humano estabelece com o ambiente. Propõe-se uma breve análise de *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* (1937) na perspetiva da Ecologia Humana, com destaque para a ilha de Córsega e a representação de especificidades paisagísticas e culturais desse território.

Palavras-chave: *Narrativa de viagem, Recursos Naturais, Ecologia Humana*

Abstract: During the 2nd and 3rd quarters of the twentieth century, Ferreira de Castro prevailed in the international literary scene as one of the most acclaimed authors. Intrepid emigrant at an early age, he became a committed traveler, signing between 1937 and 1963 three long travelling books. His “temperamental nomadism” was supported by his humanist ideology more than by any touristic interest. Particularly alert to social inequalities and injustices, he left a work which was sensitive to the systemic relations between humans and their environments. We propose a brief analysis of *Little Worlds and Old Civilizations* (1937) from a Human Ecology perspective, specially the Corse island, in the Mediterranean sea.

Keywords: *Travel narrative, Natural Resources, Human Ecology*

*E o escritor é assim como um grande farol erguido na costa do mundo, a
indicar às naus do Homem a nova rota a seguir. (Ferreira de Castro, A
Epopéia do Trabalho, 1926)*

1. INTRODUÇÃO

Nascido dois anos antes do início do século XX, numa família pobre de uma freguesia rural de Oliveira de Azeméis, o escritor português Ferreira de Castro nunca viria

a ter mais do um professor e uma escola (os da aldeia natal). Condição que não impediria o florescimento do seu talento para a escrita, aos catorze anos e em plena selva amazónica amazónica, nem de, mais tarde, ter vindo a edificar edificar uma obra jornalística e literária que alastrou pelo mundo em numerosos idiomas.

Escritor “simples” de “livros fundamentais”, “sem pose de erudições francesas”, assim descrito por Pinheiro Torres (1974, p.17), Ferreira de Castro atinge notoriedade universal com *A Selva* (1930), romance amazónico traduzido em dezasseis países (Calheiros, 1998)⁷¹, e vê a sua obra alcançar públicos letrados em pelo menos vinte e um idiomas, por vezes traduzida por autores de renome. Nos inquéritos de 1973 da UNESCO, sobre as obras representativas da literatura mundial, o escritor figura entre os trinta e seis autores de língua portuguesa de sempre, selecionados pelos estados-membros e pelo Conselho Internacional de Filosofia e de Ciências Humanas, sendo *Emigrantes* (1928), seu primeiro romance, a obra de referência (*op.cit.*). Ferreira de Castro já não assistiria à seleção de 1979, que, tendo por base *A Selva*, o consagrou numa lista de treze autores representativos da literatura portuguesa (*op. cit.*).

As suas três candidaturas ao Nobel da Literatura – 1951, 1959 e 1968, esta última conjuntamente com Jorge Amado – propostas por comités internacionais com nomes das letras do Brasil, França e Portugal, triângulo de países onde se movia, alinham-se como outro testemunho da sua sagração como o nosso mais afamado e internacionalizado escritor do século XX em vida – “Um nome universal onde os nomes nem nacionais chegam a ser”, proclamaria Fernando Namora, no volume de homenagem *In Memoriam de Ferreira de Castro* (1976, p.54).

2. O SONHO CENTRÍFUGO

O espírito de “artista vagamundo”, epíteto da responsabilidade do seu biógrafo Alberto Moreira (1959, p.40), remonta aos momentos de infância em que subia aos cumes que padroavam a aldeia, daí avistando a nesga oceânica da costa de Aveiro e aspirando a territórios longínquos e desconhecidos. Momentos que evocaria em Dezembro de 1966 no discurso para a inauguração da estátua “Emigrante”, erguida na sede do seu concelho natal (“Regresso” in *Vária Escrita* n.º 3, 1996, p.231):

⁷¹ Em 2014 a editora Cavalo de Ferro publicou a 42ª edição portuguesa.

Desde menino, quando não sabia ainda que viria a amar a Humanidade inteira, os povos de todas as latitudes, por cima de todas as fronteiras e de todos os conceitos de pátria, ansiei percorrer o mundo.

O escritor foi um aventureiro emigrante, embarcando sozinho, aos doze anos, rumo a Belém-do-Pará, porta atlântica do Brasil amazônico. Conhece uma experiência extrema, durante quatro anos, como trabalhador num seringal nas margens do rio Madeira, afluente do Amazonas, e uma vida nos limites da sobrevivência na cidade de Belém. Mas acaba por satisfazer o sonho de divulgar um romancinho que escrevera em plena selva, distante de qualquer influência letrada ou intelectual, e por colaborar como repórter em pequenos periódicos do Brasil.

Esse sonho embarcaria com ele no regresso a Portugal, em 1919, onde de novo enfrentou uma vida de miséria e vagabundagem forçada até a sua perseverança lhe conseguir um lugar no jornalismo lisboeta –entusiasticamente enquanto abraçava uma carreira de romancista e ensaiava prosas de ficção.

Emigrantes, o romance de 1928 com cenário num cafezal do interior do estado de São Paulo que narra a desventura de um emigrante português, valer-lhe-ia a projeção nacional e internacional, sobretudo no Brasil, e o reconhecimento da autoria de um realismo literário de contornos inéditos em Portugal. Contrariamente a Aquilino Ribeiro – seu grande mestre e com quem fundaria em 1954 a Sociedade Portuguesa de Escritores –, cuja obra obedeceu a um confinamento regional, Ferreira de Castro não sujeitou o correr da pena aos limites de “até onde chegam as ondas sonoras do tal sino rachado” (Aquilino Ribeiro na dedicatória a J. Pereira da Rosa⁷² de *Geografia Sentimental* (1951, 1983, p.8), referindo-se ao campanário local da sua aldeia das terras do Demo). Pelo contrário, ao autor de *A Selva* inquietava-o uma frequente pulsão de mobilidade geográfica, que com algum exagero figurativo denominava “nómada”, e de magnitude comparável ao seu impulso da escrita.

Combinou ambos, viajando pelo mundo entre as décadas de 20 e 60 do século passado, numa simbiose cujos frutos maiores seriam três grandes e morosas obras de viagens: *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* (1937); *A Volta ao Mundo* (1940-1944); e *As Maravilhas Artísticas do Mundo ou a Prodigiosa Aventura do Homem através*

⁷² Director de *O Século* e amigo comum a Ferreira de Castro.

da Arte (1959-1963). Após a primeira, o amigo Alexandre Cabral apelida-o de “impenitente viajero” na biografia de 1940, e ele próprio se assumia poucos anos mais tarde, no Pórtico de *A Volta ao Mundo*, “um infatigável vagamundos”, empregando, como era seu costume, o plural majestático em voga na época.

As três narrativas de viagens são o produto literário dessa espécie de sonho centrífugo de Ferreira de Castro, de um “desejo de Mundo” (expressão sua numa entrevista de 1948) que se desdobrava num duplo sentido: o do encontro com o Outro, saindo, partindo para longe, alargando horizontes; e o desse encontro comunicando pela palavra escrita.

Essas obras são também a expressão do seu vínculo, orgânico e vivido, alheio a motivos intelectuais, à terra – à terra como habitat da Humanidade, um dos seus mais essenciais objetos de afeto. Principalmente as duas primeiras obras de viagens refletem este pendor eco-humano do autor, não tanto na sua veneração à Natureza, que frequentemente admitiu, mas na sua consciência da relação do ser humano com os territórios e seus recursos naturais, do papel inalienável do labor e do estar humanos na modelação das paisagens. É nessa linha que evoca o horizonte litoral de Aveiro avistado dos montes da freguesia natal, no Pórtico de *A Volta ao Mundo*: “(...) e, da banda oposta, outras várzeas, outros povoados, outros cerros, maravilhosa sucessão de planos, forma e cores, tudo laborado pela mão do Homem”.

Aliás, se voltarmos aos primórdios da sua escrita, ao caderninho “Impressões de Viagem...” (1915)⁷³, acha-se já aí uma série de textos encadeados cronologicamente e descritivos da paisagem – maioritariamente fluvial mas também costeira – que o jovem, então embarcado numa carreira de cabotagem, avistava do navio durante a navegação ou em terra, durante os acostamentos. É a temática do rio e seu prolongamento marinho, enlaçando os dois pontos de vista – biofísico e humano. Apesar da presença senhorial do Amazonas, com seus braços e estreitos profundos, recifes, baías e praias, ilhas e igarapés⁷⁴, o texto mostra os elementos humanos operando em harmonia com esse ecossistema fluvial. Das margens, referências breves à vegetação tropical, privilegiando-se as fazendas e feitorias, as povoações e “villazinhas” com suas “casinhas brancas” de telha

⁷³ Não publicado, escrito a lápis, parte do espólio do Museu Ferreira de Castro, em Sintra.

⁷⁴ Igarapé: Termo de origem tupi que significa “caminho de canoa” e designa um estreito canal entre duas ilhas ou entre uma ilha e terra firme, de pouca profundidade, que dá passagem apenas a pequenas embarcações e geralmente existente no interior de matas, como as da Bacia Amazónica. (Fonte: <http://www.significados.com.br/igarape/>).

ou de zinco, seus “habitantes [que] se levantam para a faina do dia”, seus largos, cruzeiros e guaritas; os faróis e casas de faroleiros; os portos, “quasi todos elles fornecedores de lenha” e trapiches ⁷⁵ e até alguns meios de extração, como “uma bomba de água a vento”:

No principio tem um grande coqueiral e mais acima há um largo, capella e um coreto. Muito bonita esta villa [Porto Salvo]. Algumas casas cobertas de telha e que a vegetação ora encobrem aqui ora descobrem acolá, formam Collares. Uma capella a antiga portugueza se ergue entre as casas. [grafia original]

Este texto terá sido o ponto de partida para aquilo em **em que se tornaria o jovem** décadas depois: nas palavras de Bernard Emery (1992, p.203), um “écrivain luso-tropical moderne, qui retrouve spontanément les traces de ces grands ancêtres qui fure Pêro Vaz de Caminha ou Fernão Mendes Pinto”.

Recorde-se que, enquanto emigrante, passara anos da adolescência no meio selvagem e feroz da floresta amazônica, palco de um ambiente humanizado embrutecido. Este cenário ressurgiria mais tarde em *A Selva*, cumprindo o propósito do autor, bem expresso em “Pequena História de *A Selva*” (1955), de ser “uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso” – a selva, mas também os seus habitantes e “o seu drama interdependente”. Numa entrevista de 1935 ⁷⁶, onde o autor proclama o seu “internacionalismo ideológico e a simpatia por todos os povos”, descreve o romance como “um livro de amor”, tributo aos “humildes cearenses e maranhenses” que não escaparam ao “inferno verde”.

O apelo do exterior e do distante, a que atrás se chamou “sonho centrífugo” e que Emery apelida de “Ulissismo”, viveu em Ferreira de Castro como um ramo da dicotomia de escala longe / perto ou mundo / terra nativa. Se o desejo de retorno ao pequeno mundo das suas origens geográficas esteve sempre presente, também a ânsia de partida rumo ao Mundo universal (que grafava com maiúscula) se impôs e opôs a esse retorno. Um recorrente movimento de contração / expansão geográfica, aparentemente paradoxal, onde cabia a atração por “pequenos mundos”. Tais como os cenários embutidos no território português que atraíram o escritor para a redacção de *Terra Fria* (1934) e *A Lã*

⁷⁵ Pequenas pontes de madeira que entravam dezenas de metros na água, a fim de alcançarem os conveses dos navios, os quais não podiam aproximar-se mais das margens, por risco de encalharem. (Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche/>)

⁷⁶ Dactilografada, espólio do Museu Ferreira de Castro.

e a Neve (1947) ou os que estiveram na origem de *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*.

3. PEQUENOS MUNDOS E VELHAS CIVILIZAÇÕES

É “com desalento imenso” que, em 1936 e remetendo à gaveta o romance *O Intervalo* (“Origem de *O Intervalo*”, in *Os Fragmentos*, 1974, p.78), o escritor alia os imperativos de subsistência ao fascínio pelas populações geograficamente isoladas, produzindo uma obra de “descoberta da experiência histórica e social da humanidade”, nas palavras de Álvaro Salema em *Ferreira de Castro – A sua vida, a sua Personalidade, a sua Obra* (1974).

Financiado pelos direitos da tradução inglesa de *A Selva* e publicado em fascículos a partir de 1937, *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* inaugura a incursão de Ferreira de Castro pela escrita de viagens. Um conjunto de catorze crónicas sobre “povos minúsculos” do Mediterrâneo e do Atlântico, algumas inicialmente lançadas no *A Noite*, do Rio de Janeiro, pois o autor abandonara definitivamente a colaboração com a imprensa portuguesa, em 1934, numa tomada de posição contra a Censura. O Brasil viria a editá-las parcialmente em 1952, sob o título *Terras de Sonho* (Brasil, 1961). Essas crónicas das expedições a Andorra (1929) e Irlanda (1934), bem como as restantes, em 1935, traduzem, como toda a literatura de viagens⁷⁷, um espaço de reflexão e de descoberta do Eu e do Outro, fronteira entre o familiar e o estranho.

O pórtico do romance *Terra Fria* (1934), sobre uma aldeia montanhosa do Barroso, onde confessa a sua atração pelos territórios apartados e a “pretérita fraternidade” pelos seus habitantes, é parcialmente usado, com redação alterada, para prefaciar *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*:

Nem eu sei quando nasceu no meu espírito esta simpatia pelos povos minúsculos, pelas repúblicas em miniatura, por todos os que vivem isolados no nosso planeta. As pequenas ilhas, sobretudo, fascinam-me, porque

⁷⁷ Emprega-se aqui a expressão “literatura de viagens”, extrapolando o significado de “expressão inovadora dos Descobrimentos”, que lhe é atribuído por Ana M. Azevedo no estudo crítico incluído na edição da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* (2000:32), sendo os descobridores portugueses pioneiros na descrição das sensações ligadas à experiência da ligação marítima entre o Ocidente e o Oriente.

permitem examinar melhor o homem entregue a si próprio, fechado sobre si mesmo e, simultaneamente, disperso no infinito, entre mar e céu (...).

Pequenos Mundos e Velhas Civilizações, como também *A Volta ao Mundo*, parecem caber no conceito de Ramalho Ortigão, na introdução do primeiro tomo de viagens *A Holanda* (1947, s/np), segundo o qual a literatura de viagens “tem por objeto o estudo das civilizações comparadas”. De facto Ferreira de Castro, na sua originalidade fundamental de escrutinar a obra humana em várias escalas e estádios de desenvolvimento, institui também paralelos com o seu país de origem.

Assim acontece, por exemplo, no capítulo sobre Andorra, que terá visitado com expectativas proporcionais à escassez de informações públicas sobre o principado, segundo revela Ivone Ferreira (em *Castriana* n.º 5, 2007): Soldeu, “uma das mais altas povoações da Europa”, “primeiro burgo andorrano para quem entra pelo lado de França”, é comparado, no seu isolamento geográfico e atraso civilizacional, às aldeias beirãs: “A mesma pobreza e a mesma fisionomia as irmana” (Vol. I, 1985, p. 14 e 15).

Sabe-se que o escritor se terá deixado atrair pela garantia histórica, recordada por Orlando Ribeiro em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1986, p.145), de que “O Mediterrâneo aparece como um dos traços mais antigos e permanentes da fisionomia humana do Globo. Algumas das suas ilhas e alguns tractos das orlas continentais que o circundam contam-se entre as regiões mais cedo despertadas para a civilização”.

Andorra, Rodes, Malta, Maiorca e Córsega - no Volume I; e Mónaco, Ilha de Monte Cristo, Egipto, Palestina, Cartago e Pompeia, Irlanda e Madeira e Açores – no Volume II, são os doze capítulos que formam *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*. Esses locais geográficos da Europa e Norte de África, a que se acrescentou a localização dos três cenários estrangeiros de ficção, constam da Figura 1.

Das demoradas reflexões sobre como o pequeno território de Andorra suscitava, já em 1929, a cobiça de interesses financeiros, às panorâmicas urbanas da ilha grega de Rodes; das imagens subterrâneas da balear Maiorca à resenha histórica de Malta; da descrição do anfiteatro do Funchal ao longo relato da independência do Eire ou aos aspetos do quotidiano do principado do Mónaco – Ferreira de Castro escreve sobre tradições e monumentos, fios históricos, paisagens, hábitos cívicos, a fisiologia e a “psicologia das gentes”, na expressão de Ferreira (2007, p. 118). Na maior parte das vezes, as crónicas iniciam-se com o relato da aventura que constituiu para o próprio autor,

com os meios de transporte e de comunicação disponíveis nos anos 30 do século XX, alcançar cada um dos pontos visitados.

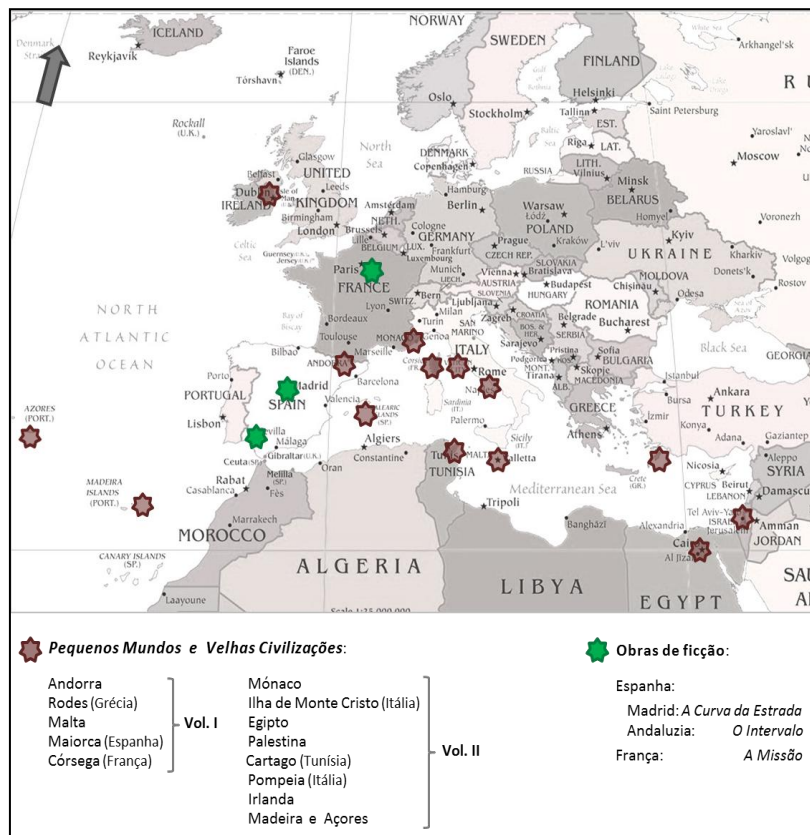


Figura 1. Localização geográfica das crônicas de *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* e locais de cenários de ficção fora de Portugal. Mapa base: Geographic Guide: <http://www.geographicguide.com/europe-maps/political.htm>

E o que surpreendemos nestes textos é, para além da temática das desigualdades sociais, nuclear a toda a obra castriana, um valor documental do interesse eco-humano de Ferreira de Castro. *Pequenos Mundos...* faz recordar a definição de ensaio dada por Roland Barthes (2007, p. 9), um “género ambíguo em que a escrita rivaliza com a análise” – um produto da genuína motivação de conhecimento e proximidade com outros humanos e culturas, mas também da preocupação de rigor comprovada pela extensa bibliografia de consulta elencada no final da obra.

Uma sensibilidade à relação multifacetada do ser humano com os territórios que habita e com os recursos naturais locais sobressai, por exemplo, da atenção dedicada ao camponês andorrano, “impelido a tirar sustento da terra magra”, a “lançar as suas sementes até a dois mil metros de altitude”, “a cultivar tubérculos e cereais onde se

julgaria só ser possível a ida de pastores, abrigado nas altitudes apenas pelos “cortals” ou cabanas dispersas nos cumes (Vol. I, ed. 1985, p.20). Também das descrições urbanas eivadas de dados históricos da cidade “ribeirinha” de Rhodes (p.55), do porto, do mercado e da cidade La Valleta, em Malta, onde, à época, as cabras se ordenhavam nas ruas e o leite era fornecido porta a porta (p.84). Ou o quadro do vale do Nilo com sua extensão cerealífera, “plaino imenso, de epiderme verde” onde o camponês que “amanha, com seus camelos (...) a terra abrasada” e “usa hoje alfaia agrícola quase todas iguais às que se usavam nos tempos faraónicos” (Vol. II, ed. 1985, p.60 e 87). Ou, ainda, este trecho sobre a Palestina (p. 100 e 101):

Já a caminho de Jerusalém, a paisagem volta a repetir-se: a um outeiro sucede um vale, a um vale sucede um outeiro. A palestina, pouco arborizada, raramente nos mostra grande vulto vegetal; só algumas oliveiras e figueiras, solitárias ou em grupo, se enraízam em terreno de fraca fecundidade. (...) De quando em quando, na solidão da terra, encontra-se um homem à rabiça do arado, que um camelo puxa. (...) Outras vezes, os obscuros lugarejos confundem-se (...) com os penedais que os cercam – e, então, dificilmente os olhos identificam o que é povoado do que é despovoado (...).

Encontramos novos elementos e processos da Ecologia Humana dos lugares no capítulo sobre a Córsega, “a ilha mais montanhosa do Mediterrâneo” (p.160), que encerra o Volume I.

A estadia na ilha francesa, em Fevereiro de 1934, visava “observar os costumes e (...) a psicologia do povo” dessa espécie de paraíso perdido, lê-se nos parágrafos introdutórios. Menos atraído pela orla marítima, que sofria a presença “internacionalista” do mar, o escritor fixa-se no interior montanhoso e deixa-se envolver pela sua gente humilde e pela alma corsa, caracterizada pelo “sentido trágico da vida, de que fala Unamuno” (Vol. I, p.12). Faz da aldeia S. Pierre de Venaco – “ignorado rincão do mundo” (p.6) equidistante das costas ocidental e oriental, na metade norte da ilha – o epicentro das suas observações. A partir daí explora o interior montanhoso. Entre os Montes Cinto e Rotondo, ambos a mais de 2500 m de altitude, conhece a majestosidade da paisagem de orografia vincada em longas digressões pelas encostas e vales nevados. A gravidade e a solitude da região, à época preservada nos seus “usos remotos”, encontra-as, por exemplo, nas cabanas de pastores, todos os invernos abandonadas até ao equinócio da Primavera seguinte.

Desta visita resultou, primeiramente, a conferência “Canções da Córsega”, proferida em Dezembro de 1934 na Universidade Popular Portuguesa, integrada nos concertos e palestras de ‘Divulgação Musical’ (Alves, 1994), cujo texto saíra num opúsculo em 1936, no ano anterior ao início da publicação de *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*. Ambos os textos registam uma paisagem essencialmente rochosa de picos e ravinas, à época coberta por florestas *maquis*⁷⁸, o matagal mediterrânico. Mas descrevem sobretudo um aproveitamento cultural autóctone desse coberto vegetal: o seu uso como um esconderijo natural e fiável de “bandidos” e como cenário de sepulturas individuais ou familiares dispersas (Vol. I, p.10):

Difícilmente se anda um quilómetro na Córsega sem se encontrar mausoléus dispersos, nos cimos das montanhas, nas encostas, nos jardins, nos campos, à beira dos caminhos, por toda a parte. Em certos trechos, a Córsega parece uma enorme e desordenada necrópole.

Os “bandidos” eram os “praticantes da vendetta”, costume à época fortemente enraizado na alma corsa. A encenação dos cantos endémicos de natureza fúnebre por uma família tradicional, a que Ferreira de Castro assistiu acompanhado pelos letrados locais – o pároco e o professor primário – impressionou-o e originou as descrições do *vocero* e do *lamento*, expressões do culto da morte do povo da ilha, que brotavam das gargantas femininas num incitamento à “vendetta”.

O capítulo sobre a Córsega é um escrito importante em Ferreira de Castro, ressonância de várias vertentes da sua personalidade: 1) descreve costumes locais associados à morte, “fatalidade biológica” onde via a injustiça máxima que atormentava o ser humano; 2) essa morte surge entrançada com o tópico da Natureza; 3) e, finalmente, reflete a predileção do autor pela cultura popular, nela incluído o folclore musical.

Os dois volumes de *Pequenos Mundos...* formam uma coletânea de retratos nitidamente etnográficos, mas sobretudo do domínio da Ecologia Humana. Retratos que já em 1935-37 ofereciam uma perspectiva moderna da paisagem humanizada, não como mero produto para consumo turístico mas como unidade viva e dinâmica resultante da interação humana num dado espaço em função dos seus recursos e condicionalismos. Uma perspetiva integradora do panorama humano no património natural tal como viria a

⁷⁸ *Maquis*: Matagal contínuo, denso, formado por grande diversidade de plantas como urzes, cistáceas, mirtos, arbustos e árvores de pequeno porte, como o medronheiro e o loureiro. Em Portugal, existe a cobrir parte da Serra da Arrábida.